

QUEM É QUEM NA DISPUTA DE PODER

Walter Mendes

Ex-subsecretário estadual de Saúde, substituiu Pilotto na direção do Hospital da Posse. Pediu exoneração da subsecretaria e da direção do hospital em dezembro de 97. Sofreu ameaças de morte e chegou a ficar sob a proteção de agentes da Coordenadoria de Inteligência e Apoio Policial (Cinap), da Polícia

Fábio Raunheitti

Ex-deputado federal pelo PTB, cassado pela CPI da máfia do orçamento em 1993, é dono da Universidade de Nova Iguaçu (Unig) e do Hospital Escola São José. Tem influência nas indicações para a área de saúde em Nova Iguaçu

Carlos Bento

Ex-superintendente do INSS em Nova Iguaçu e braço direito de Fábio Raunheitti, trabalha como assessor de Herculano no Hospital da Posse

João Ricardo Pilotto

Ex-diretor do Hospital da Posse. Deixou o cargo após ter sido atingido por quatro tiros em agosto de 97 quando saía de sua clínica, no Centro de Nova Iguaçu

Sebastião Herculano de Mattos Neto

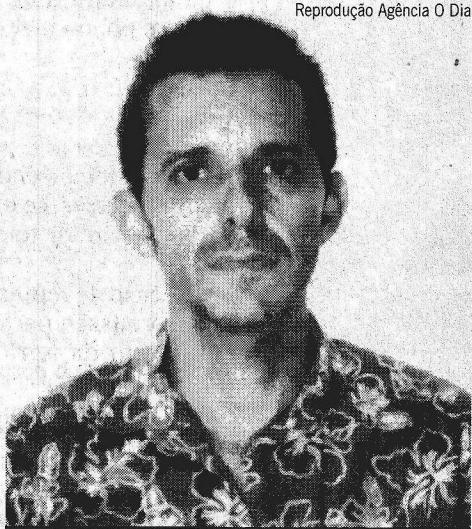
Ortopedista, diretor médico do Hospital da Posse, era sócio de Ricardo Pilotto numa clínica particular. É ligado ao grupo do ex-deputado Fábio Raunheitti, Inteligência e Apoio Policial

Carlos Eduardo da Cunha Siqueira

Filho de Carlos Bento, ex-superintendente do INSS em Nova Iguaçu. Ortopedista e sócio de Sebastião Herculano numa empresa de material hospitalar, trabalha no Hospital da Posse

AS VÍTIMAS DE ATENTADOS

Reprodução Agência O Dia



Madrid foi assassinado em dezembro do ano passado

José Luís Madrid

Chefe do Serviço de Radiologia do Hospital da Posse, é baleado na cabeça em 11 de dezembro de 1997 na Rodovia Presidente Dutra, quando voltava para casa, e morre cinco dias depois. Seu carro, um Gol verde, foi interceptado na altura de Belford Roxo. Quatro meses antes do atentado, Madrid registrou queixa na polícia dizendo ter sido ameaçado de morte por outro médico.

Rogério Mayhe Couto

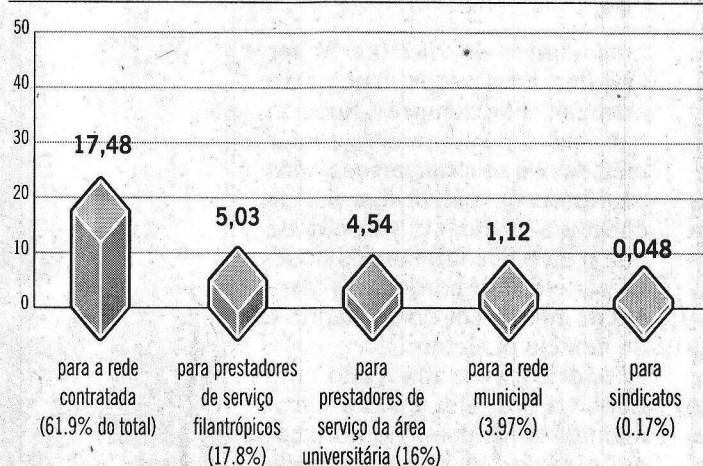
Sobrinho de Fábio Raunheitti, de 37 anos, é morto a tiros em Itaguaí, em novembro de 1996. Sua mulher, Kessy Miller Barbosa Paula, de 26 anos, também

atingida, fica em estado grave. Rogério era sócio de Luis Felipe Raunheitti, filho de Fábio Raunheitti, na Macra Empresa de Serviços Gerais Ltda, empresa de limpeza que prestava serviços em hospitais públicos da rede estadual e do Ministério da Saúde.

João Ricardo Pilotto

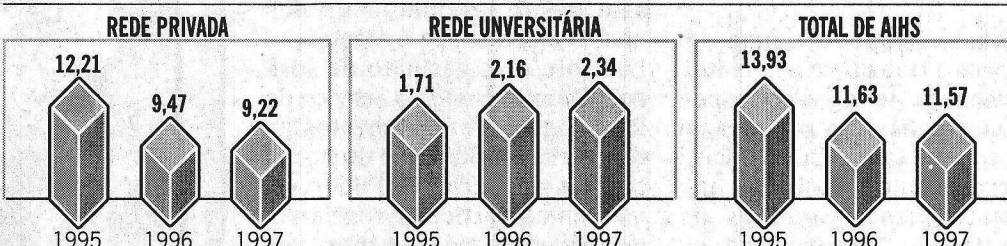
Diretor do Hospital da Posse, sofre um atentado na madrugada de 15 de agosto de 1997 após sair de sua clínica em Nova Iguaçu. Atingido por quatro dos seis tiros disparados pelos criminosos, Pilotto sobreviveu, mas deixou o cargo. Segundo a polícia, o atentado pode estar ligado a interesses contrariados na área de saúde, pois o médico cancelou licitações e investigava desvio de verbas.

A MOVIMENTAÇÃO DE VERBAS EM NOVA IGUAÇU EM 1997 FICOU EM TORNO DE R\$ 73 MILHÕES

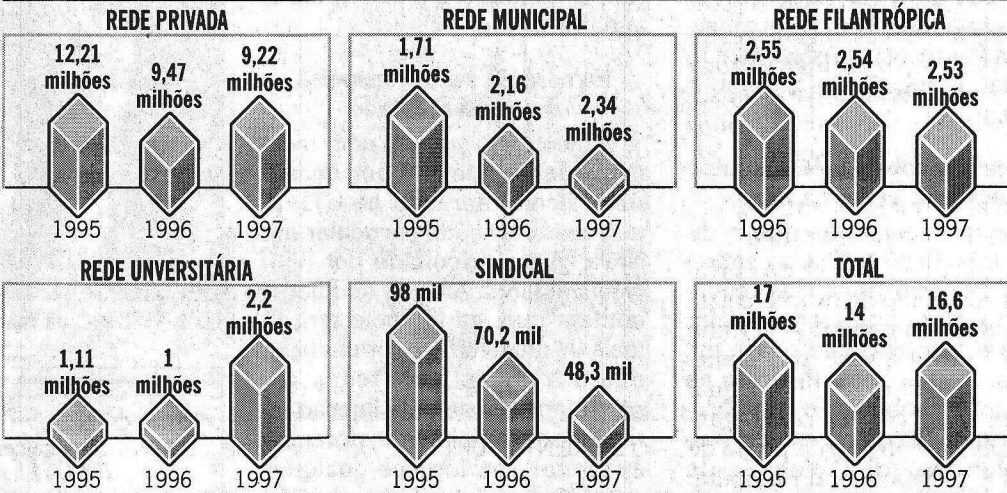


Só o Hospital da Posse recebeu R\$ 45 milhões, incluindo verbas federais e estaduais. O Ministério da Saúde repassou a maior parte: R\$ 17 milhões, que estavam previstos no orçamento anual; R\$ 4,5 milhões em complementação de verba e cerca de R\$ 13 milhões para pessoal. Parte do pagamento de pessoal é feito pela Secretaria estadual de Saúde, que repassa, anualmente, cerca de R\$ 10 milhões para a CoopSaúde, responsável pela contratação dos médicos cooperativados do Hospital da Posse.

O REPASSE DE AUTORIZAÇÕES DE INTERNAÇÃO PARA AS CLÍNICAS CAIU APÓS ABERTURA DO HOSPITAL DA POSSE E INTERVENÇÃO NA ÁREA DE SAÚDE EM NOVA IGUAÇU*



REPASSE EM ATENDIMENTO AMBULATORIAL CAIU R\$ 3 MILHÕES ENTRE 1995 E 1996*



*Em milhões de reais

Um rastro de violência na Saúde

Investigação de atentados revela a disputa por verbas no maior hospital público da Baixada

Elaine Rodrigues, Regina Eleutério e Renato Garcia

A investigação de dois atentados até hoje sem autoria conhecida estão trazendo à tona os bastidores de uma guerra travada num setor que movimenta, anualmente, cerca de R\$ 73 milhões somente em verbas públicas: o da saúde em Nova Iguaçu. O inquérito aberto pela Polícia Civil para apurar as emboscadas contra os médicos João Ricardo Pilotto e José Luís Madrid — que morreu baleado — do Hospital Geral de Nova Iguaçu (Posse), ainda não chegou a nenhum suspeito, mas é um acervo repleto de informações sobre a acirrada luta pelo poder político e pela distribuição dos recursos destinados ao hospital federal administrado pela Secretaria estadual de Saúde, o mais importante da Baixada Fluminense.

O inquérito ao qual O GLOBO teve acesso revela uma teia de denúncias sobre fraudes em compras de material médico hospitalar, golpe no seguro de acidentes, brigas entre médicos e a interferência de políticos na indicação de cargos-chave no hospital.

Toda essa história começou a ser contada, em agosto do ano passado, em depoimentos e informações fornecidos à polícia, após o atentado contra o então diretor do Hospital da Posse, Ricardo Pilotto, de 42 anos. Pilotto foi baleado por dois homens que estavam numa Fiat Palio vermelha, cuja placa ninguém anotou, quando passava com seu carro sobre o Viaduto João Múche, em Nova Iguaçu. No dia do atentado, policiais da 52ª DP (Nova Iguaçu) foram informados que Pilotto tinha mandado investigar uma denúncia de desvio de pagamentos do seguro obrigatório às vítimas de acidentes de trânsito.

Madrid foi ameaçado um ano antes de ter sido assassinado

Filho do primeiro diretor do Hospital da Posse, Ricardo Pilotto e seus assessores mudaram a rotina de trabalho ao assumir o mesmo cargo, em 1996. O hospital, que estava quase desativado, dobrou o número de cirurgias e de internações. Segundo depoimento de um funcionário do Ministério da Saúde, Pilotto aumentou o número de participantes em licitações, conseguindo reduzir

os preços. Essas medidas teriam provocado descontentamento.

A polícia tentava inutilmente chegar aos criminosos quando, em 11 de dezembro, o médico José Luís Madrid, chefe do Serviço de Radiologia do Hospital da Posse, foi baleado na cabeça, em uma tocaia na Via Dutra. Madrid morreu cinco dias depois.

Um ano antes, Madrid fora à Polícia Federal registrar que ouvira a seguinte ameaça:

— Balas cortam o céu de Nova Iguaçu e acertam as pessoas, cuidado!

A briga com o autor da ameaça, identificado no inquérito como o médico Sérgio Antônio Baptistella, começou em março de 1996, quando Madrid assumiu a chefia do Serviço de Radiologia e, por ordem de Pilotto, afastou Baptistella e impôs a todos os médicos o cumprimento da carga horária determinada por lei, que é de 20 horas semanais.

A ameaça de Baptistella, segundo depoimento de Madrid, foi feita numa clínica particular em Botafogo, onde os médicos se reuniram para reivindicar a redução da carga horária: queriam trabalhar apenas meio expediente, pois tinham que cuidar de suas clínicas ou consultórios particulares. As brigas com a equipe, contudo, estavam para terminar: três semanas antes de seu assassinato, Madrid fora comunicado que seria exonerado da chefia.

No depoimento prestado na Metrópol IX (Divisão Regional da Polícia Civil em Nova Iguaçu), 48 horas após o atentado contra Pilotto, Madrid contou também que Pilotto passara a andar armado dias antes de ser baleado. Baptistella, ao depor, negou qualquer envolvimento nos crimes, mas admitiu que tivera divergências com Madrid e com Pilotto. O envolvimento de Baptistella nos dois crimes foi afastado pela polícia.

— As ameaças que Madrid disse ter sofrido não foram comprovadas — garante o delegado Flávio Furtado, da Polícia Federal de Nova Iguaçu.

Durante a investigação policial, surgiram outras motivações para as emboscadas aos dois médicos da Posse. O afastamento de funcionários é um exemplo. Segundo outro médico do hospital, Pilotto demitira um motorista de ambulância, ainda não identificado pela polícia, que jurou vingar-se. Afastou também uma dentista, que em 1992 foi



HOSPITAL DA POSSE, em Nova Iguaçu: o medo da morte ainda ronda alguns diretores

candidata a vereadora de Belford Roxo, apoiada pelo então candidato a prefeito Jorge Júlio Costa dos Santos, o Joca. Ela teria dito a Pilotto que ele cairia por ser muito arrogante. A dentista prestou depoimento e negou ter dito tal frase.

Pilotto era o único ainda no cargo do grupo de quatro diretores de hospitais federais que enfrentaram problemas, no início do ano passado, com empresas prestadoras de serviços na área de segurança, limpeza e alimentação. As empresas estavam cobrando correção monetária por dívidas pagas em atraso, mas os diretores, Pilotto entre eles, desconfiavam dessa cobrança. Um mês antes de ser baleado, ele transferira para a Secretaria estadual de Saúde uma licitação para a compra de material médico-hospitalar, por suspeitar de favorecimento — o que teria desagradado funcionários do hospital e donos das fornecedoras.

O inquérito policial mostra ainda a disputa política no hospital após a saída de Pilotto, substituído pelo então subsecretário estadual de saúde, Walter

Mendes. De acordo com o inquérito, o diretor da Divisão Médica da Posse, Sebastião Herculano de Matos, começou a fazer mudanças e tentou pôr seu assessor, Carlos Bento Siqueira — ex-gerente regional do INSS de Nova Iguaçu e que já foi braço direito do ex-deputado Fábio Raunheitti — na direção administrativa do hospital.

Segundo o relatório do policial Daniel Gomes de Lima Freire, Carlos Bento trabalhava na Posse sem vínculo empregatício e sem receber salário. Bento é pai do Carlos Eduardo da Cunha Siqueira, o Kadu, sócio de Herculano na Soncine - Sociedade Ortopédica e Cirúrgica de Nova Iguaçu. Sebastião Herculano não nega as informações, mas refuta qualquer ligação com o grupo de Fábio Raunheitti.

— Eu trabalhei no Hospital Escola (de Raunheitti) em 82, mas o Pilotto também deu aula lá. E o Carlos Bento foi retirado do cargo pelo Raunheitti — afirma Herculano, sócio de Pilotto no Centro Médico de Nova Iguaçu.

Walter Mendes chegou a afastar Her-

culano e Carlos Bento, mas foi obrigado a voltar atrás. Segundo o inquérito, Herculano ligou para Brasília e conseguiu que os deputados Fernando Gonçalves (PTB), Roberto Jefferson (PTB), Alexandre Santos (PSDB) e Rubem Medina (PFL) intercedessem a seu favor junto ao governador Marcello Alencar. Ficou no cargo, mas nega ter usado de influência política.

— Quem me dera ter esse poder todo em Brasília — diz Herculano, que está para ser nomeado diretor do Hospital da Posse, no lugar do interino, Luiz Fernando Lomelino. Seu nome foi enviado há dez dias para o Ministério da Saúde, pela secretaria estadual de Saúde, Rosângela Bello.

O deputado Roberto Jefferson, presidente regional do PTB, disse não conhecer Herculano, mas não descartou a hipótese de ter assinado uma lista de apoio ao médico.

— Não o conheço e tampouco liguei para o governador, mas um colega de partido pode ter me pedido para assinar a lista — afirmou Jefferson.

O inquérito policial levanta a suspeita de que o atentado contra Pilotto foi praticado por amadores, uma vez que os dois criminosos usaram um carro e uma arma inadequados para esse tipo de emboscada. O Fiat Palio não tem muita aceleração e a pistola 380, usada no crime, não tem muito impacto. Um PM e um patrulheiro rodoviário federal, denunciados como autores do atentado, estão sendo investigados. Já o inquérito que apura a morte de Madrid continua um mistério. Durante a semana passada, a Metrópol IX, a 5ª Vara Criminal de Nova Iguaçu, para onde o inquérito foi distribuído, e a Central de Inquéritos afirmaram que não estão com o inquérito policial.

Fontes da Polícia Civil, entretanto, disseram que está sendo investigada a possibilidade de os criminosos terem errado o alvo. No lugar de Madrid, teriam como alvo o diretor administrativo do hospital, Roberto Pereira Gonzales. Para os investigadores, o objetivo dos criminosos era afastar Pilotto e Roberto da direção do hospital, para que o esquema antigo de funcionamento fosse retomado. ■

• DIRETORES SEGUEM UMA ROTINA IMPOSTA PELO MEDO, na página 24